

/ PALAVRA DO LEITOR

Esqueletão

O prefeito Sebastião Melo anunciou que a última fase da demolição do prédio do Esqueletão, no Centro Histórico de Porto Alegre, será feita de forma manual e mecânica (**Jornal do Comércio**, edição de 07/05/2025). Quero saber se a “empresa” que ganhou a licitação para desmanchar vai devolver o dinheiro do custo da imploração? Até porque cobrar quase R\$ 4 milhões para desmanchar um prédio é caro demais. O que me admira é que ninguém contestou. (Carlos Medina)



Esqueletão II

No mundo inteiro se faz isso com segurança. Menos em Porto Alegre. (Darlan Possani)

Proteção contra as cheias

As contratações dos projetos executivos e dos serviços de obras para a construção de sistemas de proteção contra cheias no Rio Grande do Sul devem iniciar em 2026. A informação foi dada pelo governador Eduardo Leite (JC, edição de 05/05/2025). E os milhões de atingidos na Bacia do Caí? Só em 2026? Siga os projetos, está certo, mas a limpeza do leito do Caí tem que ser agora. Ou o governador não sabe que dentro de um Plano Estratégico tem ações emergentes, urgentes, de curto, médio e longo prazo. 2026 está muito, muito, muito distante. (Sérgio Luís Schons)

Proteção contra as cheias II

Um ano da pior enchente da história do Rio Grande do Sul e nada, nada foi feito para evitar outra catástrofe. Não tem justificativa para esse descaso... (Lena Annes)

Proteção contra as cheias III

Infelizmente se acontecer novamente, vamos ver o que realmente foi feito até agora, obras que eram pra estarem prontas, nem começaram ainda, nem projetos tem, depois vão dar desculpas esfarrapadas para o povo!!! (Ricardo Cardoso de Castro)

Hospital de Canoas

O Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul (Cremer) interditou o ensino de disciplinas médicas aos alunos do curso de graduação em Medicina da Ulbra no Hospital Universitário de Canoas (JC, 02/05/2025). Estudantes de medicina não podem representar atendimento sem devida supervisão saúde, não é terra sem lei, existem órgãos competentes como o CRM-RS, que tem obrigação fiscalizar e tomar devidas medidas. Tive familiar que ficou mais de 30 dias internado no HU e só teve atendimento de estudantes, em nenhum momento teve um profissional médico supervisionando e fazendo acompanhamento como determina lei. No momento do óbito, teve somente um estudante efetuando constatação, já passou da hora de interditar. (Constantino Silva)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Solidariedade: lição de vida e esperança

Dário Schneider

As enchentes do ano passado trouxeram, para toda uma geração, os ecos da tragédia de 1941, até então a mais grave do nosso Estado. Vimos cenas de destruição, vimos a desolação, mas também vimos surgir o melhor das pessoas, manifestando em gestos de esperança e aprendizado.

Em resposta à catástrofe, vimos a união de forças pela solidariedade, ajudando quem mais precisava. Foi assim em 1941 e foi assim em 2024 – para todo o Estado e, também, nossa instituição, que viveu e enfrentou os desafios de cada crise, com empatia para com nossos semelhantes e resiliência para atravessar esses momentos adversos.

Oito décadas atrás, ainda no Centro Histórico, recebemos mais de 800 pessoas no nosso antigo endereço, a Rua da Igreja, atual Duque de Caxias. Em 2024, quando a história se repetiu, abrimos as portas do nosso espaço de convivência, no Morro do Sabiá, para acolher cerca de 200 homens, mulheres e crianças durante mais de um mês.

Lá, estudantes, ex-alunos, pais, professores, funcionários e o grupo de escoteiros se dedicaram a acolher quem tanto precisava, na forma de alimento, de cuidado e de abraços. A resposta da nossa comunidade também permitiu auxiliar 109 colaboradores e 55 estudantes que foram prejudicados pelas cheias, em uma corrente solidária que se somou a inúmeras ações em favor dos gaúchos.

O cenário caótico trouxe dúvidas, mas tam-

bém alimentou um espírito de reconstrução. As experiências vividas promovem a sensibilidade social e educativa, incentivando a busca por um futuro melhor. A escuta ativa e o cuidado com o próximo foram prioridades, transformando a crise em um laboratório de amor e solidariedade.

O Colégio Anchieta reafirmou sua missão: a educação é um ato de amor e serviço de excelência ao próximo. Ao refletir sobre essa experiência, notamos que os desafios fortaleceram os laços da nossa comunidade educativa e nos preparam para o futuro.

Ao olharmos para a memória de 1941 e de 2024, a maior das lições é da importância da união e de uma educação que forme pessoas sensíveis e dispostas a agir. Que sejamos como nos diz no Evangelho de em Mateus, capítulo 20, versículo 28: “Assim como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Quando nossos semelhantes necessitarem, que sejamos a mão que acolherá, o coração que abraçará e a mente que dará a força para superar todas as dificuldades.

Diretor Acadêmico do Colégio Anchieta e doutor em Educação

O cenário caótico trouxe dúvidas, mas também alimentou um espírito de reconstrução

Duas décadas de história

Fernando Andrade Alves

Em 9 de maio de 2005, nascia a União Gaúcha, com o propósito de unificar a luta das entidades representativas dos servidores públicos estaduais do Rio Grande do Sul em torno de pautas comuns, na Defesa da Previdência Social e Pública. Vivíamos os primeiros meses de vigência da grande reforma promovida pela EC 41, de 31/12/2003, que segregou as carreiras do serviço público. Passamos a nos dividir entre aqueles que poderiam contar com a garantia da proteção social previdenciária prometida na Constituição Federal de 1988 e os “novos” ingressantes no serviço público. Precisávamos de uma entidade que se ocupasse do fortalecimento da identidade transgeracional entre as carreiras.

Essa foi a principal missão assumida pela União Gaúcha, que se consolidou como uma voz ativa na defesa dos direitos de todos os servidores e do fortalecimento do Estado, promovendo o amadurecimento das relações institucionais a partir do entrelaçamento de ideias daqueles que tem a liberdade democrática de pensar diferente e de, assim, chegarem a consensos que unificam e forta-

lecem o debate construtivo para saídas eficientes.

Ao longo de duas décadas, amargamos a taxação confiscatória de inativos e passamos pela implantação do regime de médias. Fomos, então, finalmente divididos pelo regime de previdência complementar. Promovemos o enfrentamento nacional contra a última reforma operada pela EC 103/2019, que, além da nova redução de direitos alcançada, pretendia privatizar a previdência pública através da capitalização integral. Teremos que enfrentar novas reformas? Certamente sim.

Mas isso não é tudo. Em nossas reuniões, realizadas todas as segundas-feiras, incluímos a discussão da extorsiva dívida pública dos gaúchos com a União Federal, provando exaustivamente que esta conta está paga e buscando difundir ao máximo esse conhecimento técnico.

Assumimos protagonismo na defesa do nosso IPE Saúde, promovendo política e judicialmente uma luta intransigente para garantir que os serviços de saúde prestados pelo Instituto tenham a adequada cobertura e não sofram qualquer espécie de interrupção.

Ao completar 20 anos, a UG reafirma seu compromisso com a defesa dos direitos dos servidores públicos. Sua trajetória, marcada pela união de forças, aponta para um futuro de lutas, sempre em prol do bem buscado em comum pelas 22 entidades que a integram: a construção de um Estado mais justo e eficiente para todos.

Presidente da União Gaúcha